



ANAIIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. III (2002)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

A propósito de Luís Filipe Thomaz

Manuel Clemente

Como Citar | How to Cite

Clemente, Manuel. 2002. «A propósito de Luís Filipe Thomaz». *Anais de História de Além-Mar* III: 501-502. <https://doi.org/10.57759/aham2002.47002>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores
Av.^a de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal
<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2002. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2002. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).
The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

A PROPÓSITO DE LUÍS FILIPE THOMAZ

A História tem oscilado entre a literatura e a ciência. Polémicas intermináveis reconduzem-na a um ou outro desses tópicos; mas alguns dos seus cultores são apreciados pela igual destreza nos dois campos.

Em tempos mais próximos, reapreciou-se o factor humano, no que tem de mais específico e irreduzível a esquematizações ou quadros prévios, mesmo como base interpretativa. Por isso mesmo, algumas das contribuições mais interessantes e bem recebidas para a historiografia nacional e estrangeira são biografias, onde o rigor heurístico dá a mão à narrativa literária.

Não estamos fora, em tudo isto, da resistência, agora comum, ao genérico, ao preconcebido, ao totalitário. E estamos bem dentro, aliás, de uma relativização geral dos saberes, compactos ou duros. A própria divisão deles, entre exactos e não-exactos, científicos ou não, naturais ou humanos, está hoje mais ou menos esquecida.

Bem viva está, pelo contrário, a interrogação premente sobre a humanidade, particular ou universal, a sua razão e destino. E, assimilado que foi o raciocínio por causa e consequência, é em chave histórica que quase tudo se entende. A nossa cultura, no sentido mais íntimo do termo, é histórica. Não que legitime opções actuais com pretextos passados, estando aliás em crise as efemérides ideológicas. Mas porque já não se toca aspecto algum da existência própria ou colectiva sem se pensar e falar em termos de devir. A historicidade é hoje um subentendido comum e um horizonte geral. É cultura, coexistindo porventura com pouca erudição. Creio, por exemplo, que nunca se procurou ou vendeu tanta literatura sobre terras, famílias e monumentos, mesmo proporcionalmente falando.

É sobre nós próprios, a interrogação mais forçosa. Por isso a história aparece como resposta esclarecedora, científica decerto, no rigor da fundamentação, mas humanística no seu objecto e mais ou menos literária na comunicação, pois não trata de temas impessoais, no respeitante ao autor e ao público.

A historiografia portuguesa contemporânea dá-nos exemplos destacados deste novo pendor científico e humanístico. Estas linhas referem-se a Luís Filipe Thomaz, em quem a história é ao mesmo tempo tarefa, vocação e vida. E qualquer destas intensamente praticadas e sentidas.

Conheço-o desde a Faculdade de Letras de Lisboa, quando lá segui o curso de História (1968-1973). Ele era um pouco mais velho e já deixara

nome e promessa. Desde então, os nossos contactos foram-se aprofundando, em três décadas do maior proveito meu. Com a sua sucessiva bibliografia, certamente. Mas com a bibliografia viva que ele próprio constitui, na conjugação perfeita de ciência e vivência. Viajar «de Ceuta a Timor» com Luís Filipe Thomaz é seguir a rota mais segura da expansão portuguesa; mas é sobretudo revivê-la e continuá-la em expansão anímica e mental tão lúcida como ampla; pela capacidade de assimilar contrastes, de refazer perspectivas, de crescer sempre como experiência humana, alheia ou própria.

Porém, se a sua contribuição escrita para a historiografia é essencial para o presente e o futuro da investigação nacional e estrangeira, como tem sido justamente considerado aquém e além fronteiras, sublinho aqui a sua contribuição pessoal para a formação de alunos e amigos, numa generosidade permanente que tem beneficiado muitíssimos. Das aulas universitárias à porta aberta da sua preciosa biblioteca, dos conselhos e indicações a qualquer investigador interessado, da conversação tão recheada como simples, Luís Filipe Thomaz manifesta como raros o que é ser um sábio e um mestre. Não pareça enfática a qualificação: nele tudo é simples e decorrente. Essencial.

Há alguns anos, pude acompanhar Luís Filipe Thomaz numa das suas deslocações à Índia. Foram quinze dias de informação abundante sobre história indiana e portuguesa, de Goa a Cochim, de Cochim a Meliapor. Mas foram, ainda mais, de formação global, nos contactos que nos proporcionou com tantas pessoas onde essa história continua viva, porque as explica e motiva, existencial, cultural e culturalmente. Dos seus conhecidos de Goa ao grande amigo de Portugal que foi o falecido bispo de Cochim, dos monges malabares, em cuja convivência nos introduziu no alto dos Gates, à gente comum com que nos misturava em templos cristãos ou hindus, do túmulo de S. Francisco Xavier em Goa ao de S. Tomé em Meliapor: tudo foi história viva, graças a quem a sente e reparte com tanto rigor como intensidade humana.

Tive oportunidade de seguir grandes mestres em visitas de estudo. Alguns foram-no também de Luís Filipe Thomaz, como o falecido Padre Manuel Antunes. Mas nunca foi tão forte a comunicação e a absorção do que víamos e ouvíamos, porque, desta vez, quem nos falava – vestido até como os peregrinos da Índia – era a demonstração sugestiva do que a história segregara de melhor, como encontro de culturas.

Claro que a imensa erudição de Luís Filipe Thomaz contribuía. Conhecendo as línguas e as literaturas religiosas e profanas; movendo-se à vontade nos mais diversos ambientes; preferindo até o transporte público ao turístico: estava na Índia como em casa. Mas assim nos ambientava a nós, como só pode fazer quem «é da terra». Como ele próprio é, seja ela qual for.

Retomando o princípio, seja então a História uma «ciência humana», tanto pelo rigor como pela humanidade do observado e do observador. E efective-se como prática em autores assim. É o melhor legado dos Mestres, indiscutível e fecundo.

MANUEL CLEMENTE